

AS EDIÇÕES OITOCENTISTAS DA  
*GRAMMATICA PHILOSOPHICA DA LINGUA PORTUGUEZA*  
E A ORTOGRAFIA NO SÉCULO XIX

SÓNIA COELHO

*Centro de Estudos em Letras*

*Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro*

*Resumo:* A *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* (1822), da autoria de Jerónimo Soares Barbosa, é ainda hoje por muitos considerada uma das melhores gramáticas da língua portuguesa. Ao longo do século XIX, esta obra conheceu sete edições, que se estendem de 1822 a 1881. Tendo por base o cotejo destas edições oitocentistas, propomo-nos analisar a estrutura gráfica de cada um dos textos, verificando algumas características que os aproximam ou distanciam e destacando os aspetos que refletem a evolução da tradição gráfica e tipográfica no decurso da centúria oitocentista.

*Palavras-chave:* Historiografia Linguística, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, Ortografia portuguesa, Edição de texto.

*Abstract:* The *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* (1822), written by Jerónimo Soares Barbosa, is still today considered by many to be one of the best grammars of the Portuguese language. Throughout the nineteenth century, this work had seven editions, extending from 1822 to 1881. Based on the comparison of these nineteenth-century editions, we aim to analyze the graphic structure of each of the texts, verifying some similarities and differences between them, and highlighting the aspects that reflect the evolution of the graphic and typographic tradition during the nineteenth century.

*Key-words:* Historiography of Linguistics, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, Portuguese orthography, Text edition.

## 1. INTRODUÇÃO

Em 1822, foi publicada postumamente, pela Academia das Ciências, a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*, da autoria de Jerónimo Soares Barbosa<sup>1</sup>. Ainda que a publicação desta obra

<sup>1</sup> Filho de Manuel Freire de S. Lázaro e de Violante Rosa Soares, Jerónimo Soares Barbosa nasceu em Ansião, em finais de janeiro de 1737, e faleceu a 5 de janeiro de 1816, em São João de Almedina, Coimbra.

date de 1822, a sua redação terá sido, no entanto, bastante anterior, como leva a crer a informação incluída no final do texto introdutório à gramática a partir da quarta edição: “Coimbra, 24 de junho de 1803” (BARBOSA, 1862: XVI). Ademais, no catálogo apenso à obra *As duas Linguas* (1807), é referida uma obra manuscrita (“Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa 4. Vol. 8.º” (BARBOSA, 1807: [II])) que Kemmler, Assunção e Fernandes (2009: 208), tendo por base elementos de documentação arquivística encontrados, dizem corresponder “[...] à obra publicada em 1822”.

A *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa* teve, durante o século XIX, sete edições (1822, 1830, 1862, 1866, 1871, 1875, 1881), todas elas publicadas sob a chancela da Academia das Ciências de Lisboa, e só voltaria a ser reeditada em 2004, numa edição fac-similada da primeira edição, por Amadeu Torres.

No presente trabalho, recorrendo às sete edições oitocentistas da *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*<sup>2</sup>, pretende-se examinar e discutir alguns aspetos ortográficos que caracterizam os textos, verificando convergências e divergências entre os mesmos. Nesta análise, a partir da qual nos será permitido concluir acerca de alguns aspetos característicos da ortografia do século XIX, socorrer-nos-emos da visão de Jerónimo Soares Barbosa, tendo por base as ideias propostas no Livro II da sua gramática, dedicado à ortografia, e de alguns ortógrafos da época, nomeadamente de João de Morais Madureira Feijó, autor da *Orthographia, ou Arte de Escrever, e Pronunciar com acerto a Lingua Portuguesa* (1734),<sup>3</sup> obra de grande influência no ideário ortográfico deste período, e de Carlos Augusto de Figueiredo Vieira, cujo *Ensaio sobre a Orthographia Portuguesa* foi publicado pela primeira vez em 1844 e reeditado em 1859, portanto numa época próxima à impressão da terceira e quarta edições da *Grammatica Philosophica*.

Os aspetos abordados ilustram casos de inconstância ortográfica, para os quais não havia uma solução única e consensual, de que são exemplo o uso dos grafemas <s> e <z> com valor de [z], o recurso às letras dobradas e a utilização do hífen.

## 2. GRAFEMAS <S> E <Z> COM VALOR DE [Z]

De acordo com Soares Barbosa, o grafema <s>, em posição intervocálica, adquire um valor de [z]. Ora, a representação desta sibilante levanta alguns problemas, pois na escrita pode-se recorrer aos grafemas <s> e <z> para representar este som [z] e as opções vão ser muitas vezes diferentes, originando maior instabilidade.

Nas palavras oriundas do latim, é a etimologia que determina a grafia a adotar. Por essa razão, o gramático critica o uso da letra <z> em vocábulos que não o contenham na sua origem, de que são exemplo as palavras oxítonas terminadas em <z>:

2 Tendo por base a edição crítica que fizemos da *Grammatica Philosophica* (cf. COELHO, 2013), as sete edições oitocentistas, ao longo deste texto, identificam-se da seguinte forma: A – primeira edição de 1822; B – segunda edição de 1830; C – terceira edição de 1862; D – quarta edição de 1866; E – quinta edição de 1871; F – sexta edição de 1875; G – sétima edição de 1881.

3 No presente trabalho, usaremos a 3ª edição, de 1781, por se tratar da primeira edição póstuma, a partir da qual se registaram as principais alterações.

O escrever com Z as finaes agudas do Singular, como: *Fáz, Fêz, Fiz, Capáz, Capúz, Felíz, Retróz* e outras semelhantes pela razão da maior facilidade na formação dos pluraes dos nomes, he desamparar a regra da dirivação por huma razão frivola. Nenhuma destas palavras tem no Latim Z no fim, mas ou X, ou S, ou T. O S final, ficando nos pluraes destes nomes entre vogaes, pronuncia-se como Z segundo a analogia Latina. As vogaes finaes accentuadas ficão sendo signal proprio para mostrar a sua agudeza; e ha muitas palavras de semelhantes finaes agudos, que nem por isso escrevemos com Z, como *Pés, Dés, Sés, Três, Vês, Más, Aliás*. Seria por tanto mais coherente o escrever *Fás, Fês, Fís, Capás, Capús, Felís, Retrós* (BARBOSA, 1822: 75).

A grafia destas palavras é uma questão para a qual o próprio gramático apresenta diferentes soluções na obra, gerando-se, por um lado, uma incoerência no seu discurso e evidenciando, por outro lado, o peso da tradição neste domínio<sup>4</sup>.

Assim, quando trata do plural dos nomes, Soares Barbosa indica, na segunda regra, que todos os nomes que terminam em consoante formam o plural acrescentando-lhes <es> e esclarece que este <s>, em contexto intervocálico, passa a <z>: "Os que no singular acabão em r, e s, fazem o plural com a simples addição do es; e o s final, ficando então entre vogaes, se converte em z, como: [...], *Pás Pazes, Vês Vêzes, Perdís Perdizes, Nós Nozes, Lús Luzes*" (BARBOSA, 1822: 136).

Como fica claro através da exposição desta regra e dos exemplos, o autor reforça a posição anteriormente apresentada, considerando que estes nomes terminam em <s> e não em <z>. Por outro lado, há uma contradição, uma vez que admite que se registem as formas do plural com <z>, o que seria desnecessário pois, como o próprio afirma, "o S final, ficando nos pluraes destes nomes entre vogaes, pronuncia-se como Z segundo a analogia Latina" (BARBOSA, 1822: 75).

Mais à frente, no parágrafo dedicado às terminações dos adjetivos, reportando-se àqueles que têm uma só terminação, o gramático apresenta os adjetivos "[...] acabados em ar, az, iz, oz, como *Exemplar, Capaz, Feliz, Veloz* [...]" (BARBOSA, 1822: 187-188). Desta forma, os exemplos *capaz* e *feliz*, acima usados para ilustrar as palavras que deviam ter <s> no final e não <z> porque em latim também não o tinham (> CAPAX, FELIX)<sup>5</sup>, estão neste passo a ilustrar as terminações em <az> e <ez>. Com efeito, ainda que o autor proponha a sua escrita com <s>, neste caso, o uso comum acaba por prevalecer, pois nos textos das edições é com <z> que estas formas surgem grafadas e não com <s>, como

<sup>4</sup> Estes vocábulos que Soares Barbosa diz deverem-se grafar com <s> encontram-se todos nas listas de palavras que terminam em <z> apresentadas por Feijó (cf. 1781: 107-108). Também Lima, que dedica um suplemento à letra <z>, depois de provar a necessidade desta letra na língua portuguesa, apresenta-a como a terminação a adotar em determinados nomes oxítonos de uma ou mais sílabas e nas terminações de alguns verbos (cf. LIMA, 1736: 215-216), em que encontramos, de igual modo, os exemplos acima elencados pelo nosso gramático.

<sup>5</sup> Na verdade, estas palavras grafam-se com <z> e não com <s> porque as palavras latinas que continham <c> ou <t> passam a escrever-se no português com <z>, como nos indicam, por exemplo, os ortógrafos Carlos Augusto de Figueiredo Vieira (cf. 1844: 54) e Tristão da Cunha Portugal (cf. 1856: 49). Atualmente, a base da regra é a mesma, contudo foi aperfeiçoada pelos frutos da linguística histórico-comparativa: "2. Lat. c seguido de e ou i finais se tornou port. z, o qual se tornou final pela apócope do e ou i: *facit > faze > faz; vobiscem > vez; feci > fiz*" (WILLIAMS, 1991: 102).

provam os exemplos que se seguem e o número das suas ocorrências: *capaz* (7) / *capás* (1), *capuz* (2) / *capús* (1), *faz* (121) / *fás* (1), *feliz* (15) / *felís* (1), *fez* (32) / *fês* (1), *fiz* (4) / *fís* (1), *luz* (9) / *lús* (1), *vez* (27) / *vês* (2)<sup>6</sup>.

A regra que preside à escolha de um destes dois grafemas com base no étimo só se pode aplicar às palavras derivadas do latim, por isso o gramático, para as palavras puramente portuguesas, propõe que se siga o critério fonético e que se escrevam conforme se pronunciam:

Isto pelo que pertence às palavras derivadas do latim, que quanto ás puramente portuguesas, estas serão escriptas com *s* ou *z* quando de uma, ou outra sorte sôam na pronunção, como *casa* (venatio), *caza* (domus), *braza*, *brasa* (medida), *prezente*, *presentir*, *azado*, *dansa*, etc (BARBOSA, 1866: 50)<sup>7</sup>.

Esta regra será a que o autor proporá para quem quiser escrever todas as palavras segundo a ortografia da pronunção, o que reduz muito as possibilidades, pois para representar o som [s] apenas se usa o <s> e para o som [z] o <z>, e facilita certamente a aprendizagem da ortografia por parte daqueles que não dominam a língua latina<sup>8</sup>:

Os sons do Z e S ficão distintos, uzando nós daquele todas as vezes que ele soar na pronunsição, e deste em lugar dos dois SS, e do Ç sedilhado e sem sedilha, e screvendo sem scrupulo algum: *Cazar*, *Caza*, *Prezo*, sem perigo de se equivocarem com *Casar*, *Casa*, *Preso*, ainda que se não screvão como se costuma *Caçar*, *Caça*, *Preço* [sic!]; e bem asim *Gostôzo*, *Gloriôzo*, *Tranzito* &c. Por esta Regra o mesmo S liquido, que sempre o é quando não tem vogal diante, como em *Eiscelente*; *Desmedido*, *Desconertado* [sic!]; pasará a screver-se, como sôa, com Z, logo que se lhe seguir vogal; deste modo: *Eizemplo*, *Dezamôr*, *Dezandar*, *Dezobediente*, e asim constantemente nas mais palavras, onde seu som se ouvir (BARBOSA, 1822: 81).

Mas voltando à ortografia usual, como o próprio gramático evidencia a propósito das palavras *casar*, *casa* e *preso*, elas não se costumam escrever conforme se pronunciam, mas sim *caçar*, *caça* e *preço*, o que significa que a ortografia usual descurava, neste caso, o critério fonético. Prova disso são também as palavras *casa* e *presente*, que nas edições surgem sempre com <s>, contrariando o facto de o autor defender que se grafem com <z>, como vimos anteriormente.

6 Note-se que as ocorrências com <s> verificam-se quase exclusivamente nas citações acima apresentadas, estando sempre associadas à ilustração que o autor faz das suas propostas.

7 Neste caso, excepcionalmente, citamos o texto tendo como referência a quarta edição e não a primeira, porque a esta última falta, em nosso entender, texto, como se pode confirmar na nossa edição (cf. COELHO, 2013).

8 Verney também propõe que o som [z] se represente somente por <z>:

Os Portuguezes tem a pronuncia do-z asperissima: que creio lhe-ficou, da-comunicasam com os Moiros, e Arabios, que abundam muito diso: e eu acho em Portugal, muitos vocabulos destas Nasoens. Onde tendo o s, e z, diferentissimas pronuncias, é erro sem desculpa, pôr o s, em lugar do-z, quando este deve ter toda a sua forsa, como no-principio, ou meio das-disoens. Dezafo todos os Portuguezes, paraque pronunciem estas palavras diferentemente, vg. *Luzes*, e *Lizonja*; *Abrazado*, e *Plauzivel*; *Riqueza*, e *Religiozo*. nam averá algum que se-atreva a dizer, que nas primeiras se-ouve z, e nas segundas s: mas em ambas as partes se-ouve um z mui grande, e gordo. Sendo pois esta pronuncia particular da lingua Portugueza, acha V. P. que se-pode sofrer, desterrar todos os zz, para introduzir uma letra, que soa diferentemente? a isto chamo eu destruir, nam emendar, a boa Ortografia (VERNEY, 1746: 32).

Ainda no que respeita ao uso das grafias <s> e <z> para representar o som [z], nos textos das edições assiste-se a diferentes opções, que passamos a dividir em três grupos: um primeiro em que se encaixam palavras que nas três primeiras edições se grafam com <z> e que passam a grafar-se com <s> a partir da quarta edição; num segundo grupo encontram-se palavras que se grafam com <z> até à quinta edição, a partir da qual se passam a grafar com <s>; no terceiro grupo enquadram-se as palavras em que existe variação na sua grafia dentro da mesma edição, surgindo grafadas ora com <s> ora com <z>.

Assim, integram o primeiro grupo as formas dos verbos *autorizar*, *caracterizar*, *immortalizar*, *indemnizar*, *neutralizar*, *ridicularizar*, e os nomes *Azurara*, *brazileiros*, *civilizadas*, *Eufrozina*, *rapouza*, *Souza*, *sozinho*, *vizinho*, que a partir da quarta edição passam a grafar-se *autorisar*, *caracterisar*, *immortalisar*, *indemnisar*, *neutralisar*, *ridicularisar*, *Asurara*, *brasileiros*, *civilizadas*, *Eufrosina*, *raposa*<sup>9</sup>, *Sousa*, *sosinho*, *visinho*.

No segundo grupo encontram-se as palavras *desprezar*, *deozes*, *pezo*, *presteza*, *represam*, que a partir da quinta edição passam a registar-se com <s>: *despresar*, *deuses*, *peso*, *prestesa*, *represam*.

Como podemos observar pelos exemplos, nas últimas quatro edições se, por um lado, a opção pelo <s> para representar o som [z] significa a adoção de uma forma que perdurará no tempo, como em *Brasil*, *peso*, *raposa*, por outro lado, evidencia-se uma preferência por grafar um conjunto de palavras com <s>, mesmo que isso signifique um desrespeito pela etimologia e pelas propostas que circulavam na época. Analisemos alguns casos.

Segundo Figueiredo Vieira, deve usar-se <z> e não <s>: "I Nas palavras derivadas do Latim, que n-elle tiverem *c* ou *t*, a que possa corresponder o nosso *z*: ex. *juizo* (judicium), *razão* (ratio)" (VIEIRA, 1844: 54). Nesta regra insere-se, por exemplo, a palavra *vizinho*, que provém da latina VICINUS, devendo portanto grafar-se com <z> e não com <s>, como acontece nas últimas edições.

A segunda regra que o ortógrafo aponta para o uso do <z> é "nos verbos acabados em *zer*, *zir*, ou *izar*: ex. *dizer*, *introduzir*, *naturalizar*" (VIEIRA, 1844: 54). Mais uma vez, respeita-se a regra nas três primeiras edições, escrevendo-se com <z> as palavras *autorizar*, *caracterizar*, *immortalizar*, mas não nas quatro últimas, contrariando-se, novamente, a tendência existente: *autorisar*, *caracterisar*, *immortalisar*.

Figueiredo Vieira (cf. 1844: 54) propõe ainda que se use <z> nas palavras terminadas em <eza> que designam uma qualidade e nos diminutivos, o que não se verifica nas formas *prestesa* e *sosinho*.

No que ao terceiro grupo de palavras diz respeito, aquelas que apresentam variação dentro da mesma edição, encontram-se os pares *couza* / *coisa*, *demasia* / *demazia*, *empresa* / *empreza*, *excusado* / *escusado* / *excuzado*, *frases* / *frazes*, *horisontaes* / *horizontaes*, *poesia* / *poezia*, *preciso* / *precizo*, *prosa* / *proza*, *rasão* / *razão*. É de salientar que esta oscilação é mais frequente nas três primeiras edições, não se verificando, em alguns casos, nas qua-

<sup>9</sup> Esta palavra, para além da alteração de <z> para <s>, perde também o ditongo.

tro últimas. A título de exemplo, o par *horisontaes / horizontaes* passa, a partir da quarta edição, a registar-se sempre *horisontaes*; o mesmo acontece com *couza*, que passa a *coisa*, com *excuzado* que passa a *excusado* e com *precizo* que passa a *preciso*.

Relativamente às palavras *couza* e *precizo*, surgem grafadas com <z> muito provavelmente por influência da ortografia da pronúncia. No entanto, não deixa de ser estranha esta opção, pois o próprio gramático defende que se siga a etimologia e, consequentemente, que as palavras que no latim contêm <s> assim se escrevam em português<sup>10</sup>. No tocante à palavra *couza*, os números de ocorrências não deixam dúvidas, pois na primeira edição surge cerca de 228 vezes com <z>, para 7 ocorrências com <s>, *cousas*. Contudo, verificámos que na *Eschola Popular*, obra publicada em vida do autor, esta palavra surge grafada com <s>, *cousa* (cf. BARBOSA, 1796c: 69), o que nos leva a questionar se ambas as grafias pertenceriam ao gramático ou se no momento da impressão houve interferência do tipógrafo.

Quanto às formas do verbo *precizar*, embora a diferença entre os números não seja tão elevada como para *couza* e *coisa*, as formas grafadas com <z> registam um total de trinta e uma ocorrências, enquanto as formas com <s> apresentam um total de dezanove ocorrências. Consultámos o *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Moraes e o *Diccionario Encyclopedico ou Novo Diccionario da Lingua Portuguesa* de Correia de Lacerda e, ao contrário do que acontece com a palavra *couza*, o verbo *precisar*, nestes dicionários, só ocorre com <s>, não se encontrando nenhuma entrada para *precizar*, o que pode significar que havia uma maior tendência para grafar este verbo e os seus derivados com <s><sup>11</sup>, de acordo com a etimologia, grafia que é adotada a partir da quarta edição.

Segue-se a sistematização em tabela do uso dos grafemas <s> e <z> com valor de [z] nas edições.

Palavras que apresentam <s> em todas as edições	<i>acaso, acusativo, agasalhado, analysar, apherese, apresentar, casos, casualidade, causa, collição, composição, conclusão</i>
Palavras que apresentam <z> em todas as edições	<i>alteza, amizade, anzol, aprazer, armazem, azeite, azul, beleza, braços, certeza, clareza, conduzido, dezena, dizer, fazer, riquezas</i>
Palavras que apresentam <z> nas edições A, B, C e passam a <s> nas edições D, E, F, G	<i>autorizar, caracterizar, immortalizar, indemnizar, neutralizar, ridicularizar, Azurara, brasileiros, civilizadas, Eufrozina, rapouza, Souza, sozinho, vizinho</i> passam a grafar-se <i>autorisar, caracterisar, immortalisar, indemnisar, neutralisar, ridicularisar, Asurara, brasileiros, civilisadas, Eufrosina, raposa, Sousa, sosinho, visinho</i>

10 Esta é, de resto, a regra que podemos hoje enunciar: "s intervocálico do lat. cl. > port. s [z]: \**asuäre* > *ousar, causam* > *coisa; rösam* > *rosa*" (WILLIAMS, 1991: 80).

11 Pesquisámos na *Diciweb* a forma *precizar* e constatámos que não existe nenhuma ocorrência desta palavra. No entanto, encontrámos cinco ocorrências da forma *precizo*, embora a preferência recaia claramente sobre *preciso*, que apresenta trezentas e dezasseis ocorrências.

Palavras que apresentam <z> nas edições A, B, C, D e passam a <s> nas edições E, F, G	<i>desprezar, deozes, pezo, presteza, reprezam, passam a grafar-se desprezar, deuses, peso, prestesa, represam</i>
Palavras em que existe variação dentro da mesma edição	<i>couza / coisa, demasia / demazia, empresa / empreza, excusa-do / excusado / excuzado, frases / frazes, horisontaes / horizontaes, poesia / poezia, preciso / precizo, prosa / proza, rasão / razão</i>

Tabela 1: Grafemas &lt;s&gt; e &lt;z&gt; com valor de [z] nas edições

## 3. LETRAS DOBRADAS

Nas regras comuns a todas as ortografias, Soares Barbosa estabelece como regra que nenhuma letra se dobre quer no início, quer no fim da palavra:

*Todos presentemente concordão em que nenhuma das Letras, ou Vogaes, ou Consoantes se deve dobrar no principio e fim das palavras.*

Os nossos antigos dobrvão no fim as vogaes grandes e as Nasaes, escrevendo: *Sáa, Séé, Sóo, Caiir, Crúu, Maçãa, Sôos, Malsiis*. Mas huma vogal so accentuada val o mesmo. Ja em Arrazôo, Môo, Vôo, e outras semelhantes dobrão-se as vogaes; porque as duas vozes são differentes (BARBOSA, 1822: 59).

Com efeito, esta era uma regra frequente, que podemos ler já em Feijó (1781: 32): “35 Nenhuma palavra Latina, ou Portugueza principia, nem acaba com letra dobrada, ou seja vogal, ou consoante. Quer dizer, que nenhuma principia, nem acaba com dous *Aa*, ou dous *Ee*, dous *Ii*, dous *Oo*, ou dous *Uu*; nem com dous *Bb*, dous *Cc*, dous *Dd*, &c”. Para distinguir as vogais, tal como Soares Barbosa, o ortógrafo propõe o uso da acentuação, que retira qualquer equívoco que possa existir (cf. FEIJÓ, 1781: 33).

Para além de não se dobrarem letras no início e fim de palavra, segundo o gramático, há um conjunto de consoantes e prolações que nunca se dobram: “*Nenhuma Orthographia dobra nas palavras as quatro consoantes V, Z, J, X nem tão pouco as cinco prolações CH, LH, NH, GU, QU*” (BARBOSA, 1822: 65).

Quanto ao contexto em que se dobram as consoantes, o autor refere que elas “[...] nunca se dobrão, se não entre vogaes, como o R quando he forte e aspero escrevendo *Carro, Carregar com dois RR; porque está entre vogaes e pelo contrario Abalroar, Honra, Genro com hum so R, porque não se acha entre vogaes*”<sup>12</sup> (BARBOSA, 1822: 65).

<sup>12</sup> Feijó também apresenta a mesma regra: “41 E por evitar razoens tambem superfluas, a regra geral he, que nenhuma consoante se dobra, senão entre duas vogaes; e como a primeira letra, e a final de qualquer palavra não póde deixar de ser primeira, ou ultima, nunca se dobra” (FEIJÓ, 1781: 34). Estabelecido o preceito, o ortógrafo preocupa-se, no entanto, em esclarecer os casos em que se dobram consoantes e estas não se encontram entre duas vogais, mas sim entre vogal e consoante:

E se me disserem, que nestas palavras latinas *Aggravo, Affligo, Acclamo, &c.* e nestas portuguezas *Aggravo, Aggravar, Affligir, Afflicção, Acclamar, &c.* se dobrão as consoantes antes do R, e do L, e não entre duas vogaes; respondo, que assim no Latim, como no portuguez o R depois do G, e o L depois do F se fazem liquidos, porque perdem toda a força, e som que tinha de consoantes; e por isso não são tres as consoantes nas palavras acima, mas duas com huma liquida (FEIJÓ, 1781: 34).

Após estas considerações gerais e que se aplicam a todas as ortografias, é só no capítulo dedicado às ortografias etimológica e usual que Soares Barbosa vai tratar das consoantes dobradas, pois estas constituem uma herança do latim e, como tal, conservam-se para evidenciar essa filiação, embora, no caso do português, tenham o mesmo valor fonético do que as consoantes simples:

Os Latinos dobravão-nas; porque as pronunciavam ambas; e huma prova disto era ficar a vogal antecedente sempre longa por posição. Nós porém pronunciamol-as como se fosse huma so. Comtudo, para conservar este vestigio da etymologia Latina, querem os apaixonados della que assim se escrevão (BARBOSA, 1822: 75).

Assim, diferentemente do que acontecia no latim, na língua portuguesa não é possível determinar as circunstâncias em que se duplicam estas consoantes através da pronúnciação, evidentemente com exceção das letras <r> e <s>, motivo pelo qual estas consoantes são desterradas da ortografia da pronúnciação<sup>13</sup>. Desta forma, só o conhecimento da ortografia latina permite conhecer as regras:

Pela pronúnciação pois não podemos saber quando havemos de dobrar as consoantes, excepto o R quando he brando e quando forte, e o S quando se pronuncia como Z, e quando como Ç. Porque no primeiro caso usamos no meio das palavras da consoante simples, e no segundo da mesma dobrada. As mais ou se escrevão sos ou dobradas, pronúnciao-se do mesmo modo. Assim não póde haver regra alguma segura, que nos dirija nesta escriptura, se não a Orthographia Latina principalmente nas Syllabas medias das palavras (BARBOSA, 1822: 75-76).

Na *Grammatica Philosophica* encontramos “[...] 12 consoantes dobradas entre os Latinos com o valor de simples entre nós, quaes são BB, CC, DD, FF, GG, LL, MM, NN, PP, RR, SS, TT” (BARBOSA, 1822: 68). De modo a facilitar o seu emprego, o gramático fornece algumas regras úteis para quem conhece o latim. Assim:

Para as do principio póde dar algum soccorro a observação das preposições compositivas *ad*, *con*, *in*, *ob*, e *sub*, pelas quaes começam infinitas palavras compostas, que dirivámos do Latim. Como de ordinario a consoante ultima destas preposições se muda naquella, porque começa a palavra, a que serve de composição; o D da preposição AD ja se muda em C antes de outro, ja em F, G, L, P, como *Acceitar*, *Affecto*, *Aggravo*, *Allegar*, *Applicar*; o N das preposições *con*, e *in* se muda em M antes de outro, como *Commodo*, *Immovel*; e o B das preposições *ob*, *sub*, em P antes de outro, como *Opportuno*, *Supposto*.

Tambem toda a palavra, que principia por DI E, O, e SU seguindo-se-lhe immediatamente F, dobra esta consoante v. g. *Differir*, *Effeituar*, *Offender*, *Suffocar*, *Difficil*, *Efficaz*, *Officio*, *Suffragio* (BARBOSA, 1822: 76).

Apesar de enunciar estas regras, o próprio autor reconhece que elas pouca utilidade podem ter para quem não tem um sólido conhecimento do latim. Para estes, o mais fácil é seguir a ortografia da pronúnciação, como o gramático esclarece:

13 Com o intuito de apresentar uma ortografia simplificada, privilegiando o critério fonético, Verney também prevê a simplificação das consoantes geminadas: “Daqui fica claro, que devem desterrar-se da-lingua Portugueza, aquelas letras dobradas, que de nada servem: os dois SS. dois LL. dois PP. &c. Na pronuncia da-lingua, nam se-ouve coiza alguma, que fasa dobrar, as ditas consoantes” (VERNEY, 1746: 14).

Mas estas mesmas observações de pouca utilidade podem servir aos que não tem hum bom conhecimento da Lingua Latina. Para estes e para o povo illitterato so a boa pronunção da própria Lingua he que lhes póde ensinar as Letras, com que o hão de escrever, como se verá no Capitulo seguinte (BARBOSA, 1822: 76).

No que diz respeito à ocorrência destas letras dobradas nas edições, encontramos-las nas palavras *abbade*, *abreviar*, *accento*, *acrescentar*, *adição*, *aditamento*, *afeição*, *afirmar*, *aggravo*, *aggregar*, *allegar*, *appellativo*, *commedido*, *commercio*, *connexão*, *innegavel*, *opponente*, *supplemento*, *terra*, *torrente*, *amassar*, *antepassados*, *atenção*, *atributo*.

Relativamente à variação decorrente do uso destas consoantes nas edições, ainda que existam exceções, podemos, no geral, dividi-la em três grupos: um primeiro em que nas três primeiras edições se verifica a letra simples e nas quatro últimas a letra é dobrada; num segundo grupo colocamos as palavras que apresentam letra dobrada nas três primeiras edições, a qual vai sendo eliminada a partir da quarta edição; no terceiro grupo enquadram-se as palavras em que existe variação na sua grafia dentro da mesma edição.

Assim sendo, encaixam-se no primeiro grupo as palavras *afronta*, *aliança*, *aproximação*, *cala*, *fala*, *falar*<sup>14</sup> e seus derivados (*falava*, *falada*, *falando*, etc.), *inflamado*, *letrado*, *letras*, entre outras, que a partir da quarta edição passam a grafar-se *affronta*, *alliança*, *aproximação*, *calla*, *falla*, *fallar* e seus derivados (*fallava*, *fallada*, *fallando*, etc.), *inflamado*, *letrado*, *letras*, dando primazia à etimologia.

No segundo grupo encontram-se as palavras *accessoria*, *accommodado*, *accommodar*, *acrescem*, *acrescentamento*, *acrescentar* e seus derivados (*acrescentada*, *acrescentando*, *acrescentavão*, etc.), *appellativos*, *apropriadas*, *aproximar*, *commedido*, *comedimento*, *succedeo*. Deste conjunto de palavras, passam a grafar-se com consoante simples a partir da quarta edição *acrescem*, *acrescentamento*, *acrescentar* e seus derivados (*acrescentada*, *acrescentando*, *acrescentavão*, etc.)<sup>15</sup>, *apropriadas*, *aproximar*. As palavras *accommodado*, *accommodar* e *succedeo* perdem o duplo <c> nas edições F e G. Por sua vez, as palavras *accessoria* e *appellativos* passam a *accessoria* e *apellativos*<sup>16</sup> na edição F, retomando a consoante geminada novamente na edição G. Por fim, as palavras *commedido*, *comedimento* passam a *comedido*, *comedimento* apenas na edição G.

No terceiro grupo, encontramos as palavras *acompanhados* / *acompanhado*, *acontecer* / *acontecer*, *admittem* / *admitem*, *alli* / *ali*, *aplicação* / *aplicação*, *neccessitam* / *necessitam*, *permitto* / *permito*, *vassallo* / *vassalo*, entre outras, que evidenciam a instabilidade existente, ora respeitando a etimologia, ora privilegiando a pronunção.

Como foi referido acima, no capítulo dedicado à ortografia da pronunção, o gramático elimina todas estas consoantes dobradas, como ilustram os exemplos: *acrescentárão*, *comuns*, *delas*, *ele*, *guturales*, *indiferente*.

<sup>14</sup> A propósito desta palavra e das suas derivadas, António de Moraes Silva (1891, II: 10) refere que "Falar, é melhor orth. B. Gram. Cam. H. P. Paiva, Serm. Barreiros; Estaço; etc. trazem um l, porém com ll é orth. mais usada".

<sup>15</sup> Ainda que pouco significativos, registam-se alguns casos em que na edição G as formas *acrescentamento*, *acrescentar*, e seus derivados, retomam o duplo <c>.

<sup>16</sup> Mesmo assim, esta palavra surge maioritariamente com dois <pp>.

Passemos, de seguida, à síntese dos usos das letras dobradas <bb, cc, dd, ff, gg, ll, mm, nn, pp, rr, ss, tt> nas edições<sup>17</sup>.

Palavras que apresentam letras dobradas em todas as edições	<i>abbade, abbreviar, addição, additamento, affeição, afirmar, aggravo, aggregar, allegar, commercio, connexão, innegavel, opponente, supplemento, terra, torrente, amassar, antepassados, attenção, attributo</i>
Palavras que apresentam letras dobradas nas edições A, B, C	<i>accessoria, accommodado, accommodar, accrescem, accrescentamento, accrescentar e seus derivados (accrescentada, accrescentando, accrescentavão, etc), appellativos, appropriadas, approximar, succedeo</i>
Palavras que apresentam letras dobradas nas edições D, E, F, G	<i>affronta, alliança, aproximação, calla, falla, fallar e seus derivados (fallava, fallada, fallando, etc), inflammado, letrado, letras,</i>
Palavras em que existe variação dentro da mesma edição	<i>acompanhados / acompanhado, acontecer / acontecer, admittem / admitem, alli / ali, applicação / aplicação, neccessitam / necessitam, permitto / permito, vassallo / vassalo</i>

Tabela 2: Letras dobradas nas edições

#### 4. USO DO HÍFEN

Segundo Filomena Gonçalves (2003: 573), o hífen pode desempenhar três funções:

[...] marca de translineação, marca de composição lexical e marca de relações morfosintáticas, sendo que no primeiro caso indica a divisão da palavra gráfica e fónica em final de linha, no segundo está associada à formação de palavras, e, no terceiro, liga pronomes átonos a formas verbais, quer na ênclise, quer na tmese, embora alguns autores oitocentistas a tenham usado também na próclise.

Soares Barbosa insere o hífen nos sinais complementares de pontuação<sup>18</sup> e dá-lhe o nome de risca de união, começando por referir, de um modo geral, que ele “[...] serve para distinguir, e ao mesmo tempo ajuntar na escriptura duas palavras a fim de se pronunciarem junctas como se fossem huma so; ou dois membros da mesma palavra, que foi necessario dividir” (BARBOSA, 1822: 93).

Estas palavras iniciais do autor poder-nos-iam levar a pensar que ele conferia ao hífen os três usos acima referidos: formação de compostos, ligação dos pronomes clíticos ao verbo e translineação. No entanto, o autor seguidamente restringe a informação dada, apresentando apenas dois usos:

<sup>17</sup> De modo a que a sistematização seja mais clara, não se colocam na tabela os casos em que a variação se verifica apenas em uma ou duas edições.

<sup>18</sup> Soares Barbosa divide o capítulo relativo à pontuação em dois parágrafos. No primeiro trata do ponto final, da vírgula, do ponto e vírgula e dos dois pontos e apresenta as regras que subjazem aos usos de cada um destes sinais. No segundo parágrafo, intitulado *Dos mais Signais de Pontuação*, o gramático inclui a *parenthese*, a *risca de união*, o *viracento*, o *trema* e os *accentos*.

Na Orthographia Portugueza usamos deste signal em dois casos. O primeiro no fim da regra para dividir as palavras, e servir de reclamo para a regra seguinte. O segundo para separar os verbos dos pronomes enclíticos, que lhes costumamos ajuntar immediatamente para se pronunciar tudo seguido, como *Louvo-me, Louvo-te, Louvo-o, Louvamos, Louvão-se, Loavão-no* (BARBOSA, 1822: 93).

Dos esclarecimentos acima reproduzidos retira-se que a doutrina barboseana relativa ao hífen somente contempla as funções de elemento de ligação dos pronomes clíticos ao verbo e de translineação. Esta era uma postura frequente, como podemos constatar através das palavras de Gonçalves (2003: 187):

Dos depoimentos compulsados, pode concluir-se que no século XVIII o hífen estava associado ao processo de divisão silábica, na translineação, e à visualização da dependência das formas pronominais ao verbo, sobretudo as enclíticas. Menos numerosas e especificadoras são as referências ao papel do hífen lexical, aspecto que não mereceu grande relevo à maioria dos ortografistas, com excepção de Frei Luís do Monte Carmelo, ainda assim com restrições. Com essa função, só em Oitocentos, a partir da reflexão sobre a estrutura morfo-lexical e fonética dos vocábulos, o hífen adquirirá um papel destacado como pontuação de palavra, na sequência dos trabalhos dos «sónicos» e dos desenvolvimentos da fonética.

Mesmo quando o gramático trata das várias formas que os substantivos podem ter e identifica os *appellativos compostos*, não contempla o uso do hífen, pois todos os exemplos se apresentam aglutinados, como se pode comprovar pelas seguintes palavras: *gentilhomem, machafemea, meiodia e nortesul*<sup>19</sup>. Destas palavras, só *nortesul* se regista com hífen, *norte-sul*, apenas na edição G.

Contudo, ainda que o gramático não inclua na sua teorização o hífen como elemento integrante de palavras compostas, ele encontra-se, por exemplo, na palavra *Traz-os-Montes*, que ocorre em todas as edições.

Ainda no que se refere à ligação dos pronomes às formas verbais, Soares Barbosa aduz que, para além de ligar pronomes enclíticos<sup>20</sup>, o hífen também liga pronomes mesoclíticos:

E não so nos servimos de huma risca de união para este fim; mas ainda de duas, quando queremos ajuntar, os dois membros da Linguagem, que desconjuntamos para no meio lhes mettermos algum destes pronomes, como *Louvar-me-hei, Louvar-te-has, Louvar-se-ha, Louvar-nos-hemos, Louvar-vos-heis, Louval-os-hão, Louval-o-hia, Louval-as-hias* &c. (BARBOSA, 1822: 93).

<sup>19</sup> Todos estes vocábulos surgem no dicionário de Morais Silva separados por hífen.

<sup>20</sup> Soares Barbosa esclarece o que entende por palavras enclíticas e identifica os pronomes que o são na nossa língua: Chamão-se *Enclíticas* as palavras ou particulas, que se acostão a outras no fim para com ellas serem pronunciadas continuamente, debaixo do Accento Agudo das mesmas, quaes erão entre os Latinos as particulas *Que, Ne, Vê*, e entre nós todos os casos oblíquos dos Determinativos Pessoaes, chamados Pronomes, quer da 1.<sup>a</sup> pessoa *me, nos*, quer da 2.<sup>a</sup> *te, vos*, quer da 3.<sup>a</sup>, ou reciproco *se*, ou directos *o, a, os, as, lhe, lhes*; quando se ajuntão immediatamente aos verbos (BARBOSA, 1822: 44).

Para além das enclíticas se poderem pospor aos vocábulos, o gramático considera que, na língua portuguesa, estas particulas podem-se ainda colocar antes ou no meio dos vocábulos (cf. BARBOSA, 1822: 48-49).

O gramático faz também referência ao uso de clíticos resultantes da contração de dois elementos, nomeadamente quando o clítico representa os objetos direto e indireto, podendo neste caso recorrer-se a dois hifens e ao apóstrofo, como ilustram as formas *tirar-m'-o*, *tirar-lh'-o*, ou contrair-se num só elemento, *mo*, *lho*, forma que o autor diz ser usual na escrita.

Outro aspeto a destacar no âmbito da ligação dos pronomes clíticos às formas verbais é o facto de o gramático considerar que o <l>, consoante eufónica resultante do processo de *transposição* ou *metathese* do <r>, <s> ou <z> de algumas formas verbais, se deve colocar junto da forma verbal e não junto do pronome, como habitualmente praticam os ortógrafos<sup>21</sup>: “Os nossos Orthographos costumão na escriptura juntar o L Euphonico ao Pronome: mas está claro que, como elle substitue o lugar do R, ou S final da primeira palavra, nesse mesmo se deve pôr” (BARBOSA, 1822: 26).

No que respeita à outra consoante eufónica, o <n>, usada nas terceiras pessoas do plural dos verbos, o autor entende que se deve associar ao pronome e não ao verbo, uma vez que já não se encontra em substituição de uma consoante: “Aqui o N junta-se ao Pronome, porque o modifica, e não se põe em lugar de outra Consoante, como se põe o L Euphonico, mas se entrepõe somente” (BARBOSA, 1822: 26).

Relativamente ao uso destas formas verbais nas edições, constata-se que, da primeira à última, o <l> eufónico é associado ao verbo e não ao pronome, como ilustram os exemplos: *amal-o*, *querel-a*, *ouvil-os*, *dispol-as*<sup>22</sup>. Isso não impede, no entanto, que ocorram por vezes formas em que o <l> surge associado ao pronome, como acontece nas palavras *aprende-lo*, *concorda-lo*, *faze-lo*, *individua-los*, *repeti-lo*, *se-lo*, que ocorrem na primeira edição e que são corrigidas para *aprendel-o*, *concordal-o*, *fazel-o*, *individual-os*, *repetil-o*, *sel-o*, geralmente a partir da quarta edição.

Quanto ao uso do <n> eufónico, ainda que o gramático defenda a sua utilização nas terceiras pessoas do plural, escrevendo-se *amão-no*, *louvarão-nos*, *ouvissem-nas* e não *amão-o*, *louvarão-os*, *ouvissem-as*, na primeira edição a prática mais comum, sobretudo nos verbos de tema em -a, é a eliminação do <n>: *levão-as*, *mudão-o*, *pedem-a*, *qualificação-os*, *seguem-os*. Estas formas são corrigidas para *levam-nas*, *mudam-no*, *pedem-na*, *qualificam-nos*, *seguem-nos* somente nas edições F e G.

No tocante à segunda função que o gramático reconhece ao hífen, a função de translineação, verifica-se que a prática de Soares Barbosa se baseia na identificação dos elementos que compõem as palavras, privilegiando assim o critério etimológico em detrimento do critério fonético<sup>23</sup>, como se pode comprovar pela divisão das se-

21 É o caso, por exemplo, de Feijó (1781: 78): “155 Advirta-se mais, que os Portuguezes usamos tambem no fim de algumas linguagens de verbos, destas particulas *la*, e *lo*, em lugar de hum articulo, ou pronome relativo, que havia de ir adiante da linguagem: v. g. *Esta obra fi-la eu*: Pedro tem huma reliquia, e *tra-la* comsigo”.

22 Filomena Gonçalves (2003: 590) refere que “a mesma prática regista-se em ortografistas mais tardios, como Carlos Afonso e A. de Almeida (1889, *indical-a*, p. XVII), e, antes destes, em publicações da Academia Real das Ciências (1879, *realizal-a*, p. 4; *dizémol-o*, *dizêl-o*, p. 5)”.

23 O princípio etimológico perdurará até às últimas décadas do século XIX (cf. GONÇALVES, 2003: 589), no entanto, em 1885, Gonçalves Viana e Vasconcelos Abreu propõem uma divisão silábica que privilegia a corrente fonética: “1.º

guintes palavras: *ob-rigar, ab-soluto, ad-mittido, con-stante, com-prehender, re-splender, re-sponder*.

Segue-se a tabela em que se sistematizam as funções reconhecidas por Soares Barbosa ao hífen.

		EDIÇÕES A, B, C, D, E, F, G
Funções do hífen (risca de união)	Ligação dos pronomes clíticos ao verbo	<i>louvar-me-hei, louvar-te-has, louvar-se-ha, louvo-me, louvo-te, louvo-o</i>
	Divisão silábica	<i>ab-soluto, ad-mittido, ar-ma, as-tro, com-prehender, jo-eira, le-al, o-mnipitente, re-splender, re-sponder</i>

Tabela 3: Uso do hífen nas edições

## 5. CONCLUSÃO

Relativamente às grafias <s> e <z>, usadas para representar o som <z>, pode-se concluir que há uma oscilação constante, verificando-se que, nas edições, a escolha de uma ou de outra nem sempre se conforma quer com a etimologia quer com o uso comum. Na verdade, como afirma Castro (2008: 191-192):

Esta confusão de grafias perduraria na escrita do português durante muito tempo, constituindo uma preocupação para ortógrafos e professores de primeiras letras. Camilo Castelo Branco, como mostra nos seus autógrafos, ainda não tinha aprendido as distinções ortográficas pertinentes: no manuscrito do *Amor de Perdição* (1861), aparecem casos de variação como:

rasoens / razoens / rasão

apesar / apezar

prizão / prezo / prêso

resar / rezo

mêsa / meza

Da análise encetada aos grupos geminados<sup>24</sup>, destaca-se que o papel da etimologia está bem presente, pois, se assistimos à simplificação de consoantes dobradas em determinadas palavras, também se passa o inverso, ou seja, palavras que inicialmente não

Dividem-se as sílabas, considerando os vocábulos como portugueses para este efeito, sem que se atenda à derivação de língua estrangeira, nem à derivação dentro da própria língua: *ma-nus-cri-to, cons-pí-cu-o, obs-tá-cu-lo, ins-cre-ver, no-ro-es-te, nor-des-te, pla-nal-to, a-lhei-o, mai-or, mai-o-res*" (VIANA e ABREU, 1885: 12).

Os princípios destes autores serão posteriormente os adotados nas *Bases para a Unificação da Ortografia*, em que se pode ler que "a divisão de um vocábulo qualquer simples em sílabas far-se há foneticamente pela soletração e não pela separação dos seus elementos de derivação, composição ou formação, contanto que a dição composta não tenha os seus elementos apartados por hífen (-)" (VIANA, 1911: 32).

<sup>24</sup> Filomena Gonçalves (1992: 82) salienta que estes "[...] grupos representam uma espécie de *sobre-informação óptica*, uma vez que só prestam informação no campo visual e que fazem, consequentemente, apelo a dados que se situam apenas na órbita do jogo de correspondências fonográficas".

se grafavam com consoante geminada passam, nas últimas edições, a contê-la. Assim, pode-se dizer que esta marca da latinidade teve uma vida duradoura na língua portuguesa<sup>25</sup>.

Finalmente, no que concerne ao uso do hífen, pode-se concluir que na *Grammatica Philosophica* se destacam duas funções, nomeadamente a de ligação dos elementos clíticos ao verbo e a de segmentação silábica, não sendo contemplada pelo autor a função de composição lexical, o que era característico da época, dado que “[...] foi necessário que chegassem os sónicos, e a sua preocupação de retratar fonograficamente a língua falada, para que o hífen ganhasse um papel mais relevante, libertando-se dos seus exemplos clássicos” (MARQUILHAS, 1987: 113).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Jerónimo Soares (1807): *As duas Linguas ou Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, comparada com a Latina, Para Ambas se aprenderem ao mesmo tempo*, Coimbra, Na Real Imprensa da Universidade.
- BARBOSA (1796c), Jerónimo Soares: *Eschola Popular das Primeiras Letras dividida em quatro partes, Parte Terceira, da Calligraphia, E Orthographia, ou arte de escrever bem e certo a lingua portugueza*, Coimbra, Na Real Imprensa da Universidade.
- BARBOSA (1822), Jerónimo] Soares: *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*, Lisboa, Na Typographia da Academia das Sciencias.
- BARBOSA (1830), Jerónimo Soares: *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*, Segunda Edição, Lisboa, Na Typographia da Mesma Academia.
- BARBOSA (1862), Jerónimo Soares: *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*, Terceira edição, Lisboa, Typographia da Academia.
- BARBOSA (1866), Jerónimo Soares: *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*, Quarta Edição, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias.
- BARBOSA (1871), Jerónimo Soares: *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*, Quinta Edição, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias.
- BARBOSA (1875), Jerónimo Soares: *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*, Sexta Edição, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias.

25 Com as *Bases para a Unificação da Ortografia* propõe-se a simplificação destas consoantes:

VII. Nenhuma consoante se duplicará no interior ou fim de vocábulo, senão quando a pronunçiação assim o exija, o que só acontece com *rr, ss, mm, nn*, como nas seguintes palavras: *carro, cassa, emmalar, ennegrecer*.

Nesta conformidade, escrever-se hão com letras singelas as seguintes palavras, e outras que é hábito escrever com letras dobradas: *abade, acusar, adição, affecto, sugerir, agravo, êle, ela, aludir, chama, pano, anexo, aparecer, attribuir, meter, attitude*, etc (VIANA, 1911: 22).

- BARBOSA (1788), Jerónimo Soares: *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem*, Sétima Edição, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias.
- BARBOSA (1905), Jerónimo Soares: *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa (1822)*, Edição anastática, comentário e notas críticas de Amadeu Torres, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa.
- CASTRO (2008), Ivo: *Introdução à História do Português*, Segunda edição revista e muito ampliada, Lisboa, Edições Colibri.
- COELHO (2013), Sónia: *A Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza de Jerónimo Soares Barbosa: Edição Crítica, Estudo e Notas*, Vila Real, Centro de Estudos em Letras / UTAD.
- FEIJÓ (1734), João de Morais Madureira: *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo duque de Lafoens*, Lisboa Occidental, Na Officina de Miguel Rodrigues.
- FEIJÓ (1781), João de Morais Madureira: *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo duque de Lafoens*, Lisboa, na Regia Officina Typografica.
- GONÇALVES (1992), Maria Filomena: *Madureira Feijó: ortografista do século XVIII; para uma história da ortografia portuguesa*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação (Identidade Série Língua Portuguesa).
- GONÇALVES (2003), Maria Filomena: *As ideias ortográficas em Portugal. De Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*, Braga, Fundação Calouste Gulbenkian.
- KEMMLER, Rolf, ASSUNÇÃO, Carlos e FERNANDES (2009), Gonçalo: "Subsídios para o estudo das Gramáticas Filosóficas de Jerónimo Soares Barbosa (1737-1816)", in *Domínios de Linguagem* 6, ano 3, n.º 2, 202-223.
- LACERDA (1874), D. José Maria de Almeida e Araújo Correia de: *Diccionario Encyclopedico ou Novo Diccionario da Lingua Portugueza para uso dos portuguezes e brasileiros*, II Volumes, Quarta edição, Lisboa, No Escritorio de Francisco Arthur da Silva, Editor-Proprietario.
- LIMA, Luís Caetano de (1736): *Orthographia da Lingua Portugueza*. Lisboa Occidental: Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca.
- MARQUILHAS (1987), Rita: "O acento, o hífen e as consoantes mudas nas Ortografias antigas portuguesas", in Ivo Castro, Inês Duarte, Isabel Leiria (eds.), *A demanda da ortografia portuguesa*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 103-116.
- PORTUGAL (1856), Tristão da Cunha: *Orthographia da Lingoa Portugueza*, Pariz, Vª J. – P. Aillaud, Monlon e Cª, Livreiros de Suas Magestades o Imperador do Brasil e el-Rei de Portugal.
- SILVA (1889), António de Morais: *Diccionario da Lingua Portugueza*, Nova edição revista e melhorada, Volume I, Lisboa, Empreza Litteraria Fluminense.
- SILVA (1891), António de Morais: *Diccionario da Lingua Portugueza*, Oitava edição revista e melhorada, Volume II, Lisboa, Empreza Litteraria Fluminense.
- VERNEY (1746), Luís António: *Verdadeiro Metodo de Estudar*, Tomo Primeiro, Valensa, Na oficina de Antonio Balle.
- VIANA, A. R. Gonçalves, e ABREU (1885), G. de Vasconcelos: *Bases da Ortografia Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- VIANA (1911), A. R. Gonçalves (Relator): *Bases para a Unificação da Ortografia*, Lisboa, Imprensa Nacional.

- VIEIRA, Carlos Augusto de Figueiredo (1844): *Ensaio sobre a Orthographia Portugueza*, Porto, Typographia Commercial.
- WILLIAMS, Edwin (1991): *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*, Tradução de Antônio Houaiss, 5.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.